

O GRAFISMO CORPORAL INDÍGENA COMO RECURSO DIDÁTICO: EXPERIÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA

*Eva Thais Oliveira Alves¹(IC)

Maria Geralda de A. Moreira²(PQ)

Universidade Estadual de Goiás- Campus Iporá
evathaisoliveiraalves21@gmail.com¹

RESUMO

O Grafismo indígena constitui-se em manifestação cultural dos povos indígenas e pode se apresentar nas pinturas corporais, nas cestarias, na cerâmica, dentre outras formas de expressão cultural. Esta arte é muito utilizada nas pinturas corporais, contribuindo para beleza estética, todavia, muito além da exuberância, possui valor simbólico, é uma forma de comunicação, uma vez que é possível fazer uma leitura dos sujeitos envolvidos no que se refere à etnia, ao gênero, à faixa etária e ao grupo a partir do “idioma-código expresso graficamente” (VIDAL, 1992).

As técnicas do grafismo corporal são passadas de geração em geração através da oralidade, das atividades do cotidiano, assim, as crianças, desde cedo têm contato com a arte. Em algumas etnias são passadas somente para as mulheres, tendo elas a obrigação de manter esta tradição, ensinando às filhas (PREDES, ZORZO, 2011).

Este tema vem sendo muito estudado com intuito de entender tanto a expressão quanto o significado que ela remete para cada etnia, dando ênfase ao vínculo de comunicação das identidades culturais que estão vinculadas a cada grupo humano que tenta preservar seus costumes, dando ênfase a representações simbólicas (RIBEIRO, 1991).

Diante do que foi discutido, o grafismo corporal será utilizado como um recurso didático para abordar a diversidade dos povos indígenas, assim o objetivo do projeto foi analisar o grafismo corporal indígena como recurso didático e metodológico para o ensino de História indígena.

Palavras chave: Grafismo. Pintura. Ensino de História Indígena.

Introdução

O ensino de história e cultura indígena na Educação Básica tornou-se obrigatório a partir da Lei no 11.645/2008, assim, a proposta de trabalhar o grafismo corporal para inserir a temática indígena se apresentou como uma oportunidade de abordar o tema de forma lúdica e dinâmica no contexto educacional.

Segundo dados do IBGE de 2010, existem no Brasil, atualmente, 305 etnias indígenas, e diferentemente do que concebe o senso comum, existem significativas diferenças nesse universo. Nesse trabalho daremos ênfase ao grafismo corporal da etnia Karajá. Esta etnia é formada por três grupos indígenas, sendo eles: os Javaé, Karajá do Norte, Xambioá, que estão localizados nos rios Araguaia e Javaé, nos estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins. A etnia Karajá teve, desde o período colonial, um estreito contato com o progresso, preservando mesmo assim sua cultura indígena, que está presente ainda hoje nas bonecas de cerâmica, no grafismo indígena, que é passado pelas mulheres de geração para geração, através

da oralidade. Utilizando elementos da natureza, como por exemplo, a pintura do peixe tucunaré, uma pintura diária que pode ser usada por todos da aldeia, independentemente da idade ou sexo. Esta prática para as etnias indígenas é um elemento de distinção identitária, que indica a etnia de pertencimento, sendo, ainda, uma forma de comunicação utilizada entre eles (VIDAL,1992).

Material e Métodos

A oficina teve como objetivo trabalhar a temática indígena com os alunos (as) da Educação Básica através de ações dinâmicas e lúdicas, atendendo, assim, ao estipulado pela Lei 11.645/2008 e o proposto pelo Subprojeto do Pibid de História. O planejamento da oficina ocorreu na Universidade Estadual de Goiás - Campus Iporá, com o apoio da Coordenadora de Área, porém, a oficina, foi realizada na escola parceira do Pibid, Colégio Estadual de Aplicação, com alunos (as) do Ensino Fundamental - segunda fase -. A opção por trabalhar o grafismo foi possibilitar aos alunos (as) conhecerem a diversidade cultural, as diferenças étnicas por meio da pintura corporal. Inicialmente foram realizadas leituras teóricas e construção do projeto da oficina. Aprovado o projeto de oficina pela escola parceira, passou-se à construção do material concreto usado nas três edições da oficina.

Nas oficinas foram trabalhadas três etnias indígenas: Karajá, Asurini e Pataxó. Todavia, nesse resumo expandido centraremos apenas na etnia Karajá, tendo como base a pesquisa bibliográfica em autores como Vidal (1992), Poleck (1994), destacando os resultados práticos observados no decorrer das oficinas.

Resultados e Discussão

Ao abordar a temática do grafismo e pintura corporal como recurso didático, buscamos esclarecer de forma lúdica a diferença entre grafismo e pintura corporal, exemplificando a partir das etnias definidas. O primeiro se diferencia do segundo pelo uso de desenhos geométricos extremamente elaborados e construídos a partir de elementos presentes no espaço natural, habitado pelos indígenas ou por elementos da cosmologia de cada etnia. A pintura corporal, por sua vez, não obedece a nenhum traçado, mas possui grande importância cultural para os povos indígenas. No caso dos Karajá, o grafismo corporal está presente em rituais de passagem como o *Hetohoky* e na festa do *Aruanã*.

Na etnia Karajá, as meninas aprendem a fazer a pintura corporal olhando a mãe fazer os desenhos nas cerâmicas, sendo estes desenhos os que serão criados por elas mais tarde. A mulher não produz as cestarias, mas a pintura corporal é feita

somente pelas mulheres. Para realizar a pintura corporal, primeiro é necessário produzir a tinta que tem por base elementos da natureza como: o fruto e a entrecasca do jenipapo, o urucum e o carvão. Todavia, atualmente, devido à influência do não-índio, tintas industrializadas já têm sido incorporadas.

A pintura corporal dos Karajá é bem peculiar, existindo diferenças para cada ocasião, como é o caso da pintura diária conhecida como *benorayri*, que significa desenho do peixe tucunaré e pode ser pintada por pessoas de diferentes idades, porém, a pintura do peixe pacu só pode ser usada pelos mais velhos.

Segundo Poleck (1994), durante a festa do *Hetohoky*, festividade de iniciação dos meninos, eles têm seu corpo pintado de diferentes formas. Inicialmente usam uma pintura conhecida como *jyre*, que é uma pintura corporal menos elaborada, quando o corpo do garoto é pintado todo de preto durante um ano e meio e não pode deixar a tinta clarear. Quando o menino *jyre* completa um ano e meio entra na segunda etapa do ritual e passa a ser conhecido como menino *bódu*. Nessa fase a pintura é mais detalhada e conhecida como pintura *tôsô* que significa pintura de pica-pau. Todo esse processo que culmina com a grande festa do *Hetohoky*, marca a passagem do menino para a vida adulta.

Durante a realização da oficina, observou-se um grande interesse dos alunos(as) acerca da pintura corporal dos indígenas, através de perguntas elaboradas ao longo da oficina e na produção dos desenhos que realizaram como atividade prática que finalizou a oficina e com os quais eles participaram do concurso de desenhos sobre grafismo e pintura corporal. O grafismo corporal mostrou-se, assim, como um interessante recurso para ser inserido no espaço educacional, bem como as discussões necessárias acerca das diferenças étnicas dos povos indígenas, pois não basta inserir a temática indígena no currículo, na sala de aula, mas é preciso inserir de forma que os(as) alunos (as) compreendam as diferenças existentes entre os grupos indígenas, percebendo para além do genérico, o que cada grupo considera como fator importante para a definição de sua própria identidade.

Agradecimentos

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID da CAPES, pela bolsa.

Referências

IBGE. **Os Indígenas no censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2012.

POLECK, L. (Org.) **Adornos E Pintura Corporal Karajá**. Goiânia: FUNAI / UFG. 1994.

PREDES, I. A.; ZORZO, F. A. Hamykahay- Expressão Gráfica Corporal Pataxó. In. **Anais do XX Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico**. 2011.

RIBEIRO, Berta G. Arte gráfica Juruna. In: **Arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.



III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG
Inovação: Inclusão Social e Direitos
19 a 21 de outubro de 2016
Pirenópolis - Goiás

VIDAL, L. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Catete. In: **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992.